

PEGAGOGIA DO POSSÍVEL EM UMA REALIDADE EXCLUDENTE

PEDAGOGY OF THE POSSIBLE IN AN EXCLUDING REALITY

Maria Neide Filha **1**

Resumo: Este relato de experiência aborda as experiências de uma professora inserida na educação infantil em cenário pandêmico, que impôs novas formas de construção do conhecimento. O objetivo é compartilhar as vivências, elencando as dificuldades, desafios, reflexões e aprendizado diante de uma realidade inimaginável. Em atividades remotas, buscam-se as metodologias ativas, práticas pedagógicas dialogadas, lúdicas, portanto, uma pedagogia do possível. O relato foi possível devido às atividades propostas e devolutivas dessas atividades pelas crianças/famílias. As metodologias de ensino são voltadas para as brincadeiras, os diversos gêneros textuais: histórias infantis, biografia, poema, parlendas, receitas, dança, músicas, jogos. Nessa dinâmica, são essenciais fantasia, a criatividade, a oralidade. As conclusões direcionam aos acontecimentos referentes às políticas educacionais desenvolvidas pelo município, decisões que legitimaram a exclusão. A importância das interações com as crianças/famílias, respeitando o emocional, o tempo, o contexto familiar, sendo decisivas no desenvolvimento das atividades remotas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pandemia. Atividades Remotas.

Abstract: This experience report addresses the experiences of a teacher inserted in primary education in a pandemic scenario, who imposed new forms of knowledge construction. The objective is to share experiences, listing the difficulties, challenges, reflections and learning in the face of unimaginable reality. In remote activities, are sought active methodologies, dialogic, playful pedagogical practices, therefore, a pedagogy of the possible. The report was possible due to the proposed activities and feedback of these activities by the children/families. The teaching methodologies are focused on games, the different textual genres: children's stories, biography, poem, rhymes, recipes, dance, songs, games. In this dynamic, fantasy, creativity, orality are essential. The conclusions direct to the events referring to the educational policies, developed by the municipality, decisions that legitimized the exclusion. The importance of interactions with children/families, respecting the emotional, time, family context, being decisive in the development of remote activities.

Keywords: Primary Education. Pandemic. Remote Activities.

1 Mestranda em Educação para ciências e matemática, IFG-Jataí (2022). Especialização em Educação Matemática pela UFG em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento pela FABEC. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Alfredo Nasser -UNIFAN. T Atualmente é professora no Emei Professora Antônia Alves de Moraes em Senador Canedo- Goiás. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e matemática do Ensino Fundamental. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/221266048574032>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9873-8809>. E-mail: marianeidefilha@gmail.com

Introdução

Este relato de experiência é resultado das vivências de uma professora no agrupamento II E, com crianças de 3 e 4 anos, período integral, na Emei Professora Antônia Alves de Moraes, no Município de Senador Canedo, Goiás.

O objetivo é compartilhar essas vivências, elencando as dificuldades, desafios, reflexões e aprendizado, construído com a materialização da crise sanitária, em virtude do estado de excepcionalidade devido à pandemia do novo coronavírus. Uma vez que para evitar a disseminação da Covid-19, foram exigidas medidas preventivas, tais como, distanciamento social, que exigiram mudanças sociais, políticas, culturais, epistemológicas, pedagógicas em todo mundo e que escancarou uma realidade pautada nas desigualdades, descortinando a injustiça da má distribuição de renda, o clamor e a luta da população subalternizada (pobres, negros, indígenas, quilombolas), por melhores condições de vida, um grito de apelo à vida.

Diante dessas medidas, a educação como um todo, seja em segmento privado ou público, tiveram que se adaptar e reinventar novas metodologias e técnicas de construir o conhecimento em atividades remotas.

Assim, diante dessa realidade, busquei socializar as interações com as crianças/famílias, e a busca por novas metodologias, novas ferramentas. Evidenciar que o papel do (a) professor (a) ultrapassa os ‘muros da escola’, que a educação humanizada é uma necessidade e a construção do conhecimento é uma demanda de todos os envolvidos. Ou seja,

Sem negar a importância da escola, é preciso atentar para o significado da educação de caráter humanizador que, na contemporaneidade, não prescinde da escola, mas que, também, não pode se resumir a ela – entendendo-se a educação como uma prática social ampla e multifacética (BARBOSA; SILVEIRA; SOARES, 2018, p.84).

Neste contexto de ampla diversidade, exclusão e desafios foi de suma importância aprender como manusear as tecnologias digitais, como metodologias dinâmicas para desenvolvimento das atividades remotas. Reconhecendo da importância e da garantia da formação permanente para os professores em todas as instâncias de ensino.

Desse modo, procurei elencar alguns acontecimentos significativos referentes às políticas educacionais desenvolvidas pelo Município de Senador Canedo-Goiás, decisões que legitimaram a exclusão. Procurei colocar em evidência, as práticas pedagógicas dialogadas, chamada aqui, de pedagogia do possível, as interações e o conhecimento do contexto das crianças/famílias, sendo essenciais para a realização das atividades remotas.

Nas metodologias utilizadas, e não poderia ser diferente, priorizei as brincadeiras, as histórias (histórias infantis, biografia, poema), dança, músicas, material concreto transformado em brinquedos, jogos. Estiveram presentes a fantasia, a criatividade, a oralidade, a dinamicidade, as interações visando o envolvimento emocional a fim de proporcionar segurança, confiança, afetividade e, desse modo, gerando compartilhamento das vivências das crianças, em isolamento social, em contexto familiar e no desenvolvimento das atividades remotas.

Nesta perspectiva, o brincar foi primordial na construção do conhecimento, de sentido. Nas brincadeiras dessa faixa etária, “[...] as operações e ações da criança são sempre reais e sociais. Nela, a criança assimila a realidade; dessa forma, o brincar é o caminho pelo qual ela compreende o mundo em que vive e que será chamada a mudar” (CÓRIA-SABINI; LUCENA, 2012, p. 37).

Utopicamente, vislumbrei uma valorização, de nós professores (as), da ciência, do reconhecimento pela sociedade, pelos órgãos competentes, políticas públicas educacionais que incluíssem a todos(as) e não uma pequena elite privilegiada. Enfim, um país humanizado que priorizasse a coletividade ao invés de interesses individuais, e que caminhasse no sentido de tornar um lugar melhor para todas as pessoas.

Trajatória das atividades presenciais e início de atividades remotas

No dia 13 de março de 2020 – não tem como esquecer –, em uma sexta-feira, a última atividade presencial que tivemos. Neste dia, fomos ao teatro assistir à peça “As aventuras de Pinóquio”, no Teatro Goiânia, em Goiânia-Goiás. As crianças muito empolgadas, esperando a hora da saída para viver uma grande aventura fora da escola. Tudo era festa, desde a saída, chegada ao teatro, apreciação da história, interação com os personagens, o espanto com os efeitos visuais e retorno à escola. As memórias são inesquecíveis para as crianças, profissionais e para as famílias que acompanharam as crianças. Tivemos relato de mães, que disseram ser a primeira vez que frequentavam um teatro. Infiro, que a apropriação da cultura, da arte, a construção do patrimônio cultural, como salienta NOGUEIRA, M.A.; CATÂNIO, A apud Bourdieu (2007) não é acessível a grande parte da população.

No domingo, dia 15 de março, a gestora encontrou em contato com o corpo docente, orientou que deveríamos comparecer à escola, na segunda-feira, dia 16 de março, para repassar as orientações da Secretaria de Educação do Município. E que as crianças estavam dispensadas das atividades presenciais. Já estávamos cientes a respeito da pandemia e do isolamento social, como medidas preventivas ao contágio da Covid-19. As aulas estariam suspensas por 15 dias, por decreto do Governador do Estado de Goiás. Deveríamos permanecer em casa e aguardar novas orientações.

Comuniquei aos pais, via grupo de *Whatsapp*, explicando a situação mais detalhadamente, e que seriam informados de acordo com as novas demandas.

O medo foi o sentimento predominante, compartilhado por toda comunidade educacional. Todos(as) estavam assustados(as), sem entender realmente a proporção e as consequências da pandemia em nossas vidas.

À medida que os decretos se prorrogavam, começaram as discussões à respeito de quando seria o retorno ou caso se prolongasse o isolamento, como seriam as atividades não presenciais.

Em observância à MP 934/2020 e à Resolução CEE/CP nº 5, de 1º de abril de 2020, nos manifestamos enviando uma carta aberta à Secretaria Municipal de Educação, Conselho Municipal de Educação, Sindicato quanto a instituição de atividades remotas, considerando as especificidades da Educação Infantil, dada a faixa etária das crianças, solicitamos a total exclusão da exigência das atividades não presenciais para essa modalidade.

Na tentativa de nos posicionar e convencê-los, fizemos várias considerações:

- Que priorizariam os dias letivos em detrimento das interações e brincadeiras; que esse seguimento não visava a promoção, não sendo requisito para o ingresso no Ensino Fundamental, assim podendo flexibilizar a frequência, que o mínimo exigido era de 60%.
- Que as famílias não dispunham de equipamentos ou pacotes de dados disponíveis, consequentemente, causaria a exclusão da maioria das crianças no processo educacional, ferindo a democracia.
- Que poderia causar dependência digital e que nós profissionais da Educação Infantil de Senador Canedo, não tivemos treinamento e preparo suficiente e adequado para o trabalho com a educação à distância, além de as unidades escolares não disporem de infraestrutura para o preparo de atividades para esse tipo de prática.

Assinei a carta, como presidente do Conselho Escolar da Escola. No entanto, fomos votos vencidos, não houve contestação por mais ninguém do município.

Nesta direção, seguimos as orientações da Secretaria Municipal de Educação que estava decidindo qual o melhor meio digital para realizar as atividades remotas. Fomos surpreendidas, em 20 de abril, com cobranças em relação a essas atividades. Ameaças de que não receberíamos o vencimento, caso não comprovássemos nosso trabalho, sendo que, não havia nenhuma orientação nesse sentido.

Criamos no *Google Classroom* salas para todos os agrupamentos, uma página no *Facebook* e grupo no *Whatsapp*, para as professoras que ainda não possuíam grupos.

Conseguimos inserir as crianças na plataforma, disponibilizamos o endereço do *Facebook* e iniciamos nossas atividades remotas em 22 de abril de 2020.

A Secretaria Municipal de Educação, ao final de maio, criou e-mail institucional para os docentes e discentes. Adquiriram o *Gsuite* do *Google* (não tenho noção do valor monetário) e tivemos mais trabalho, enviar, novamente, convites para as famílias migrarem para o novo *Google Classroom*. Somente em junho, foi excluída a antiga sala, e todas as atividades postadas na nova “sala” da plataforma.

Na segunda quinzena de agosto, a Secretaria de Educação, disponibilizou um pacote, em módulos (também nem imagino por qual valor monetário) intitulado “*Webcasting – aulas digitais – formação de professores*”, realizado pela BSSP – Centro Educacional.

O curso, em minha análise, tratou-se da educação bancária, referenciada por Freire (2005). Em viés neoliberal, trouxe um “manual” da postura, competência, modo agir, ser, estar e fazer do(a) professor(a). Utilizaram de várias técnicas para “prender” a audiência do “público”.

Ideologicamente, vincularam ideias de desaparecimento da figura do professor(a), surgindo, o já famoso, “criador de conteúdo”. Apresentaram-nos um cenário de sucesso, de eficiência. E que o retorno, dependia exclusivamente, do(a) professor(a). Prevalencia a ciência do bem-estar subjetivo, a psicologia positiva, a pedagogia das competências.

Pedagogia do possível - atividades remotas: desafios e aprendizado

As atividades remotas eram uma realidade. E agora? Pânico total. Nunca antes havia gravado um vídeo e tinha em mãos, como recurso para filmagem: o celular. E a editoração? O único editor que manipulava mais ou menos era o *Windows Moviemaker*. Então, não sabia como agir, nem o quê e como fazer. Grande desafio já se fazia presente em minha realidade de professora em atividades remotas.

As dificuldades e os desafios se apresentaram. O único caminho possível, a pesquisa. E foi o que fiz. Comecei a pesquisar novas metodologias, recursos digitais, aplicativos de editoração e, ao mesmo tempo, conteúdos que fizessem sentido e contribuísse com as famílias, neste momento tão difícil.

O tempo se alargou para menos, não sabia que o trabalho seria triplicado, desde planejar as atividades, criar o roteiro, gravar e editar. A jornada que era una, se transformou em quádrupla. Muitas vezes, quando me deparava, com o relógio, corpo e mente cobrando um descanso, eram 3 horas, 4 horas da manhã.

Procurei aplicativos livres, que não necessitassem de comprar. Mas, não apreciava a marca d’água vinculada aos vídeos, por não serem pagos. Eliminava todos os *apps* que não dispunham de recursos para eliminá-la. Desse modo, descobri que os aplicativos pagos, eram bastante caros, em sua maioria, sendo monetizados em dólar.

Dentre os aplicativos, e devido a faixa etária das crianças, como motivação me transformei em avatar, uma personagem com características físicas convincentes e que pudesse chamar a atenção das crianças.

Nesse caminhar, refleti que as ferramentas, as tecnologias são os meios, e o desafio de ensinar remotamente dependia de muitas variáveis. Valorizei ainda mais, a formação permanente, a pesquisa, a curiosidade, a criatividade. A importância de se conhecer como as crianças aprendem, a indissociabilidade entre teoria e prática.

No entanto, e não foi surpresa, a participação não abrangia a todas as famílias. Das 17 crianças matriculadas no agrupamento II E, 17 estavam no grupo de *whatsapp*, 13 estavam na plataforma *classroom*, 8 participam esporadicamente das atividades e somente 3 participavam de todas as atividades. Seria porque as famílias não queriam? Ou a professora não estava proporcionando uma atividade “prazerosa” e não se esforçava o bastante? Tantas perguntas, e uma resposta, que dependia das condições socioeconômicas. O universo das desigualdades sociais imperava, deixando as crianças excluídas do processo educacional.

Observei que a pandemia afetou e continua espalhando a destruição aos desiguais de maneira desigual. E sendo meu lugar de fala, o de uma professora em escola pública, creche e pré-escola, vivenciando uma realidade brutal, verifiquei que as crianças eram parte dessa população sem assistência, vivendo à margem da sociedade. O que, como fazer para atingir o máximo de

crianças/famílias possíveis? Entrei em contato com integrante da Diretoria de Educação Infantil (DEI) para repassar as dificuldades das famílias, porém fui informada que não havia nenhuma possibilidade de auxílio.

Em diálogos com as famílias, em vídeos chamadas pré-agendadas, descobri *n* realidades diferenciadas: não disponibilizavam de pacote de dados suficientes, a existência de um único aparelho celular, sendo que o pai levava para o trabalho. Priorizavam os(as) filhos(as) que estavam no Ensino Fundamental. Trabalhavam o dia inteiro e não havia ninguém para orientar as crianças na realização das atividades. Com os afazeres domésticos e os cuidados com os(as) filhos(as), não disponibilizavam de tempo para outras atividades. Chegavam cansados(as), tarde do trabalho ou que as atividades remotas não eram importantes na Educação Infantil. E o fator fundamental: o emocional, o psicológico dessas famílias, preocupadas em sobreviverem, de continuarem tendo comida para alimentar seus/suas filhos(as), em pagar o aluguel.

Diante desse contexto, questionava: qual a pedagogia possível? Qual o papel do(a) professor(a) e a função da escola? E a participação do Estado, é realmente mínimo?

Trabalhei no sentido de proporcionar segurança para as famílias, de que não perderiam a vaga, caso não participassem (porque foi preocupação da maioria das famílias), de informar, entreter, ao mesmo tempo em que proporcionava um conhecimento sistematizado e juntos íamos tecendo o conhecimento.

Respeitei toda forma de participação, inclusive, o direito de não participar. Deixei claro minha disponibilidade em ajudar, orientar. Que as crianças/famílias poderiam contar com meu apoio e as atividades proporcionadas visavam conhecer as crianças e seu contexto e mostrar um mundo de possibilidades, com diferentes linguagens.

Privilegiei as histórias que poderiam criar afetividade, mediar a cultura e mostrar a realidade vivida. Apreciei os conhecimentos das famílias, traduzindo-os em conhecimentos sistematizados. Assim, tive como referência FREITAS, M.T.A apud Vygotsky (1996), atenta ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores, por intermédio da brincadeira, do jogo, da imaginação, história, da fantasia traduzidos em aprendizagens de papéis sociais.

Construímos aprendizados significativos que me fizeram admirar, ainda mais, as crianças, as famílias. Encontrava-me ansiosa, aguardando a socialização, o feedback das crianças/famílias com o envio dos vídeos, das fotos, dos áudios. A felicidade nestes momentos era inenarrável. Porque também estava sofrendo e meu emocional abalado com os acontecimentos desencadeados pela pandemia.

As famílias fizeram o seu melhor e a lição mais importante: estávamos aprendendo todos(as) juntos(as), cada um/a em seu papel. Sendo assim, as práticas socioculturais da escrita, isto é, o letramento se fazia presente nas atividades em nossas interações.

A linguagem foi essencial para essas interações, não falo da linguagem “como simples meio técnico a serviço da palavra (a língua), mas da linguagem como uma estrutura essencial da presença do homem no mundo por seu dizer” (FREITAS, 1996, p. 70).

Procurei trazer histórias, biografias, poesia, ilustrações, brincadeiras, jogos que despertassem curiosidade, reflexão, associações para a formação da subjetividade, que possibilitassem emoções, valores, memórias, maneiras de ver e estar no mundo mais consciente, crítico e humanizado.

Tive o cuidado de proporcionar atividades com materiais que as famílias teriam em casa ou poderiam adquirir facilmente. Assim, trabalhei com materiais como: papelão, garrafas pet, areia, farinha de trigo, corante ou suco, tecidos, tampinhas e bolinhas de desodorante, rolos de papel higiênico, palhas, barbantes, gravetos, corda e outros. Os materiais como lápis de cor, tinta guache, massinha, lápis de escrever papel, cola, giz de cera, os pais buscaram na escola, respeitando devidamente os protocolos de biossegurança.

Em todas as atividades procurei contextualizar com histórias, explicações, historicidades. Aprendemos como nos prevenir e sonhamos com a vacina, a superação do *coronavírus*. Através das histórias, conhecemos o mundo, outras culturas, espécies de árvores frutíferas, brincadeiras e histórias africanas, brincadeiras do nosso cotidiano: esconde-esconde, elástico, amarelinha, ordem. Fomos cientistas. Estudamos o *coronavírus* e o mosquito transmissor da dengue.

Figura 1. Pé de carambola



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 2. Brincando de cientista



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 3. Brincando de elástico



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 4. Amarelinha



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Construímos bonecos(as) de gravetos, fizemos picolé, verificamos os estados da água, brincamos de dominó do coronavírus, bolhinhas de sabão, minibasquete, corrida de saco, peteca, dinossauro, teatro de sombra. Verificamos a germinação. Cantamos, dançamos, pulamos e exploramos o espaço de moradia.

Figura 5. Jogo dominó - prevenção COVID-19



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 6. Bolhinhas de sabão



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 7. Peteca de sacola de plástico



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 8. Dinossauro papelão



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 9. Teatro de sombra



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 10. Germinação divertida



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Fizemos arte na areia, massinha caseira, vassoura da bruxa. Voamos na pipa do Tatu Balão. Conhecemos a biografia de Maria da Penha, Elisa Frota Pessoa. E assim, através das atividades propostas, dos *feedbacks*, conheci as preferências das crianças, a história do nome, tendo a oralidade, a alegria como protagonistas.

Figura 10. Arte na areia



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 11. Receita de massinha



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 12. Vassoura da bruxa



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Partindo de minhas memórias de infância, socializei que brincava com boneca do milho e a partir daí, construímos bonecos (as) de gravetos de árvores. Diante desta atividade, verifiquei que, em uma sociedade machista, na qual o padrão é a matriz heterossexual, os pais me surpreenderam. Construíram os (as) bonecos (as) e meninos e meninas brincaram.

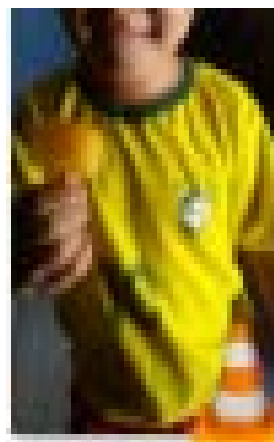
Realizamos a experiência de transformarmos a água do estado líquido para o sólido, com a receita do picolé, cada criança escolhendo o sabor preferido. As crianças ensinaram para o jacaré, os cuidados que se deve ter para o dente não doer. Incentivei o desenho livre.

Figura 13. Bonecos(as) de gravetos



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 14. Picolé



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 13. Jacaré de rolo de papel higiênico



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

Figura 14. Desenho livre



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

As crianças sempre me surpreenderam e se superavam nos vídeos, gostavam do que estavam fazendo, com liberdade e criatividade.

Infelizmente, não foi possível verificar o crescimento, o desenvolvimento e o aprendizado de todas as crianças, pois vivemos em sistema capitalista, com viés, neoliberal, que por princípio, é excludente, e embora o regime político seja democrático, não é garantia de estado de direitos.

Considerações Finais

Entender que o ensino independente de ser presencial ou remoto, deve buscar o desenvolvimento global da criança. O trabalho pedagógico na Educação Infantil deve garantir uma formação que a criança tenha acesso e se aproprie de uma visão plural de mundo.

Desse modo, os tempos, espaços e os materiais para efetivação da organização do trabalho pedagógico e da ação educativa e pedagógica nos agrupamentos devem levar em conta esses direitos, respeitando tanto o tempo subjetivo (individualidade/singularidade/contexto) de desenvolvimento das crianças, quanto o tempo cronológico, no sentido de propor atividades diversificadas, com materiais adquiridos e/ou construídos.

Assim, a ação pedagógica é carregada de intencionalidade e ao pesquisar material para as atividades remotas, a fim de atingir os objetivos, fiquei atenta às ideologias subjacentes ao material pesquisado, “adequadas” ao público infantil. Dessa forma, me deparei com a história clássica “João e o pé de feijão”, no canal intitulado “amiguinhos” (nós sabemos amigos de quem).

No vídeo, é colocado que o personagem João “não trabalha porque é um jovem preguiçoso e por isso quase não tinha dinheiro”. A ideologia dominante de que o pobre é pobre porque não gosta de trabalhar, porque não poupa e não devido a um sistema desigual, que legitima as vontades de uma minoria prepotente sobre uma maioria desvalida, subalternizada. Não podemos compactar, sermos disseminadores(as) dessas ideologias, que estão em alta, neste (des)governo.

Na história infantil “O menino que queria ir”, de Franco e Lollo (2018, p.12) diz o seguinte: “Ele cresceu mais um pouco e começou a ir à escola. No começo ele só ia lá para brincar, até que começou a ter aulas de verdade e descobriu que existiam outras cidades além da dele”. É impressionante, como em pleno século XXI, apesar de muitas lutas, a Educação Infantil ainda é vista como um lugar somente para “brincar”, o brincar pejorativo, sem intencionalidade.

Assim, antes de repassar histórias para as crianças, sugiro ter o cuidado de assisti-las, lê-las, colocar em prática os conhecimentos, formação, senso crítico, e não contribuir para a construção de uma subjetividade de subalternizados, sujeitos passivos, adultos que não terão conhecimentos de seus direitos.

Perceber, que como educadores(as), temos o dever de construir uma sociedade mais igualitária, que não colaboremos para o crescimento da desigualdade social e apreender que as crianças são sujeitos históricos, de direitos e sendo a Educação Infantil a primeira fase da Educação Básica, é essencial que se garanta uma educação de qualidade, significativa, crítica, emancipatória.

Referências

BARBOSA, I.G.; SILVEIRA, T.A.T.M.; SOARES, M.A. A BNCC da Educação Infantil e suas contradições: regulação versus autonomia. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 13, p. 77-90, jan/mai, 2019. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/979>. Acesso em: 30 de abril 2022.

COLE, M.et al. (Orgs). VIGOTSKI. L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CÓRIA-SABINI, M.A.; LUCENA, R.F. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. Campinas: Papyrus, 2012.

FRANCO, B.; LOLLO, J.C. **O menino que queria ir**. Birigui: Terra do saber, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42.ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, M.T.A. **Vygotsky e Bakhtin psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1996.

NOGUEIRA, M.A.; CATÂNIO, A.(Org.). **Pierre Bourdieu: Escritos de educação**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 71-79.

Recebido em: 29 de setembro de 2020.

Aceito em: 07 de março de 2022.